

Trança de tempos e de afetos: relato de experiência de um estagiário

Júlio César de Araújo Cadó

3

Em Literatura para quê?, Antoine Compagnon (2012) afirma que escolhe ser professor aquele que não consegue se separar do espaço escolar. Os motivos que emergem desse encontro, no entanto, podem variar. Para alguns, a entrada nas licenciaturas dá-se apesar da experiência negativa enquanto aluno, em que se imiscuem os gostos particulares e a vontade de mudança; para outros, entretanto, a vivência discente foi pedra de toque para a opção pelo trabalho como professor. Minha situação coloca-se mais próxima do segundo caso descrito.

Cursei meu Ensino Médio em uma excelente escola técnica. Ainda que desde o primeiro ano já tenha percebido a incompatibilidade com a área profissional do curso técnico para o qual entrei, as possibilidades fornecidas pela instituição nunca fizeram passar pela minha cabeça abrir mão dessa formação. Dando prosseguimento ao curso, no segundo ano, tive um encontro que seria decisivo em minhas escolhas futuras.

Novo ano, novos professores. Dentre as personagens desconhecidas que apareceram, estava a professora de Língua Portuguesa e Literatura. Ainda me lembro da primeira aula, quando ela escreveu um pequeno texto de boas-vindas no quadro: “Há tempo para tudo debaixo do céu”. Da sentença, lembro que ela desdobrou uma reflexão sobre o tempo que nos assombra — Cronos que nos devora incansavelmente. A partir daquele momento, vir a ser professor de Língua Portuguesa abriu-se como

um novo caminho para mim. Não sabia que, alguns anos depois, retornaria à mesma escola sob a orientação da mesma professora para cursar as disciplinas de Estágio.

Na primeira experiência como estagiário, devido ao contexto pandêmico e às condições de execução das atividades definidas pelo Colegiado do Curso de Letras, as atividades precisaram ser mantidas à distância, ainda que boa parte das escolas de Ensino Básico, no momento, já estarem retornando para o ensino presencial. No meu caso, essa imposição não interferiu diretamente, pois a instituição-campo de estágio em que atuei manteve as atividades remotas. Não nego que foi um pouco frustrante a realização da primeira disciplina, uma vez que o esperado retorno a um espaço tão significativo não se realizou efetivamente. Por isso, no Estágio II, com a retomada presencial das atividades da universidade, mais uma vez, pedi à professora que me aceitasse como estagiário — o que felizmente aconteceu.

O sentimento que me ocorreu nos primeiros dias foi o de estranhamento. Ainda que as dependências da escola se mantivessem em sua maioria, da mesma forma, com algumas modificações nas dependências, foi estranho não ver os rostos que costumava encontrar naquele espaço de circulação — alguns que não serão revistos devido à inércia do Governo Federal na compra de vacinas contra o vírus da covid-19. Por isso, para essa experiência, parece ocorrer a junção entre a linearidade e a circularidade

dos tempos, pois, assim como as mudanças se fazem evidentes, é perceptível a permanência de questões parecidas em outros sujeitos. Ao caminhar pelos corredores, as dúvidas, as angústias e os desejos falados pelos alunos são os mesmos que se ouviam anteriormente, e que eu tinha também.

A turma com a qual trabalhei durante o período de estágio foi do segundo ano, ou seja, em teoria, os alunos já passaram um ano em interação com os outros, com a escola e com os professores. Contudo, tendo em vista a vigência do ensino remoto até o início de 2022, a entrada na instituição abriu-se como novidade para eles. Desse modo, não era apenas uma geração de estudantes que estava ingressando na instituição, mas duas, ou até mesmo três gerações em sequência, já que os ingressantes de 2020 mal tiveram a possibilidade de vivenciar a dinâmica escolar antes da emergência pandêmica.

Embora os governos e as instituições tenham iniciado, há alguns meses, a flexibilização das medidas de isolamento social, a pandemia ainda é uma realidade do presente, pois a iminência da contaminação não pode ser descartada. Durante o período de estágio, a professora-supervisora e alguns testaram positivo para a covid-19 ou desenvolveram quadros de sintomas gripais, o que, seguindo as recomendações institucionais, acarretou o afastamento deles da sala de aula até a recuperação.

Considerando as condições atípicas que

regeram as práticas durante os semestres remotos, tornou-se um acordo tácito entre os professores a necessidade de diminuir o ritmo das aulas e de retomar conteúdos anteriores antes de iniciar as novas discussões. Isso evidencia, por parte da instituição, o reconhecimento de que o ensino remoto trouxe marcas para os processos de ensino-aprendizagem dos sujeitos envolvidos; marcas estas com as quais será preciso lidar por tempo indeterminável. Mesmo com essas questões, o período durante o qual realizei as atividades desse estágio me marcou profundamente, pois foi a primeira vez em que entrei em uma sala de aula física enquanto professor em formação; anteriormente, apenas os links do Google Meet haviam possibilitado a vivência docente.

Um elemento de destaque da experiência de estágio é a parceria que se estabeleceu entre a professora-supervisora e eu, seja na elaboração da proposta de intervenção didática — elemento central dentro das atividades de Estágio II —, seja no desenvolvimento e na articulação das demais ações. Semanalmente, mantivemos encontros para discussão e planejamento dos próximos passos que seriam seguidos. No que diz respeito, especificamente, à criação da proposta, a participação da docente foi peça decisiva para que o formato final fosse alcançado. Sobre esse aspecto, considero relevante mencionar o momento em que apresentei minhas ideias iniciais para a professora. Ao oralizar e discutir os compo-

nentes da proposta, lacunas observadas e possíveis reformulações que poderiam ser realizadas tornaram-se nítidas para mim.

Ademais, mediante o diálogo com a professora, pude incorporar à atividade as outras frentes de trabalho de Língua Portuguesa. Nesse sentido, pudemos relacionar as várias faces que constituem a disciplina na atividade. Diferente de escolas particulares, onde existe um professor específico para cada área, na escola pública, é necessário articular no tempo, por vezes exíguo, os diferentes conteúdos pertinentes ao nosso campo de formação. Se há, do ponto de vista didático, a separação entre análise linguística, leitura, produção de textos e oralidade, tal como prevê a BNCC (2018), considero que as práticas de ensino-aprendizagem significativas revelam-se, sobretudo, ao conjugar esses elementos e fazer a linguagem pulsar na sala de aula em toda a sua potencialidade criadora de sentidos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

COMPAGNON, Antoine. Literatura para quê? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

PTDEM - Língua Portuguesa e Literatura. In: Proposta de Trabalho das Disciplinas nos Cursos Técnicos de Nível Médio Integrado Regular e na modalidade EJA. Natal: IFRN

Ed., 2012. p. 9-57. Disponível em: <https://portal.ifrn.edu.br/ifrn/institucional/projeto-politico-pedagogico-1/lateral/menu-1/pt-dem>. Acesso em: 23 nov. 2021.